

FRANCISCO DA GAMA CAEIRO:

Um Testemunho

por *Maria de Lourdes Sirgado Ganho* *

Neste dia em que homenageamos Francisco da Gama Caeiro (26 de Maio de 1928 – 18 de Setembro de 1994) e com saudade evocamos a sua memória, começaremos por citar os *Sermões* de Santo António de Lisboa, numa passagem que diz muito acerca da personalidade do Professor: “O que está cheio do Espírito Santo fala várias línguas, as línguas da humildade, pobreza, paciência e obediência. Falamos com estas virtudes quando as mostramos aos outros em nós mesmos. A linguagem é viva quando falamos as obras”.

Falar do seu pensamento significa, por um lado, pôr em evidência o seu labor filosófico, a partir das problemáticas que se constituíram como os centros da sua reflexão. E aqui emerge o estudo apaixonado e rigoroso sobre algumas figuras da nossa tradição filosófica e teológica: Santo António de Lisboa, D. Duarte, Frei Manuel do Cenáculo, Leonardo Coimbra, para só referir alguns.

Mas, por outro lado, não podemos esquecer que a obra de alguém é o sinal de si mesmo, é o “texto” que podemos ler retrospectivamente, reconduzindo-o ao homem concreto, inserido numa circunstância, toda ela tecida de relações, que se apresentam a diferentes níveis.

Relação à Cultura: e temos o seu perfil de homem que dignificou, pelo seu trabalho de investigador, a cultura portuguesa, rasgando horizontes e, ao mesmo tempo, divulgando-a, no confronto de aproximação e diferença com as culturas brasileira e espanhola. Vejam-se, por exemplo, os seus estudos sobre “A Vida Intelectual em São Paulo”, ou “Perspectivas da Filosofia no Brasil”, ou no que diz respeito ao pensamento espanhol as suas reflexões sobre Raimundo Lúlio, ou sobre a mística de São João da Cruz.

Mas, na sua obra, há, claramente, uma atitude de valorização da tradição cultural portuguesa, onde são de salientar, no que toca à Idade Média, os seus estudos sobre “As Escolas Capitulares no Primeiro Século da Nacionalidade Portuguesa”, ou “A Organização do Ensino em Portugal no Período anterior à Fundação da Universidade”, onde põe em evidência a importância da cultura monástica em Portugal, sendo os Mosteiros verdadeiros pólos difusores de um saber que está na origem da formação de autores como Santo António de Lisboa ou Pedro Hispano.

No que diz respeito à nossa Idade Moderna, avultam os estudos sobre o Iluminismo: Luís António Verney, Pombal, Frei Manuel do Cenáculo, são os autores mais tratados, sobretudo o último.

Quanto à Idade Contemporânea, há que salientar as suas reflexões sobre a problemática da Filosofia Portuguesa, onde é questionado o seu lugar próprio na economia da questão colocada a partir da noção de “filosofia nacional”, mostrando de um modo inequívoco a desvinculação existente entre a concepção de filosofia nacional e a noção de nacionalismo, ou mesmo de ideologia. Além disso, preocupou-se com autores como Leonardo Coimbra, Teixeira de Pascoais, Antero de Quental, Miranda Barbosa, Manuel Antunes.

* Docente da Universidade Católica Portuguesa – Lisboa.

Relação à Universidade: e temos toda a actuação neste âmbito, quer do ponto de vista dos cargos institucionais que exerceu na Administração da mesma, quer a sua postura como investigador.

Com efeito, já desde aluno, privilegiou os temas e os autores portugueses, de algum modo inéditos, facto que lhe permitiu trabalhar em primeira mão autores e temas da cultura filosófica portuguesa até aí praticamente desconhecidos: Frei Manuel do Cenáculo, ainda como aluno, Santo António de Lisboa, já como docente.

Mas, na Universidade, também evocamos o docente, o Professor, que nas licenciaturas, nos mestrados, nos doutoramentos, não se eximia ao seu papel de mestre, no sentido de incitar, informando e formando, a que o aluno tivesse gosto pela nossa tradição filosófico-cultural, norteado por uma clara atitude de partilha do saber. Como sua aluna e, mais tarde discípula, tive ocasião de o viver de um modo muito concreto e gratificante.

Como colega, temos o testemunho daqueles que com ele conviveram e partilharam tarefas universitárias. O “In Memoriam do Professor Doutor Francisco da Gama Caeiro”, publicado pela Academia de História, patenteia bem, pelo testemunho sentido de Joaquim Veríssimo Serrão, Jorge Borges de Macedo, de Aníbal Pinto de Castro, quanto a sua forma de relacionamento pessoal era, verdadeiramente, fraternal. E diz-nos Veríssimo Serrão: “Pregava o diálogo entre os homens por acreditar que não havia outro caminho para estabelecer os consensos que a vida social de todos requer”.

Mas, na Universidade, o Professor assumiu sempre a atitude de pôr ao serviço dos outros o seu saber, sem egoísmo, sem temer minorizar-se, aspecto que é deveras assinalável, porquanto sabemos que nem sempre esta disponibilidade é tomada como uma virtude a praticar. É este um dos traços maiores do seu espírito dialogante, que nunca recusava dar um conselho, uma orientação, apresentar uma proposta de investigação e tudo isto de um modo claramente construtivo. Ora, um dos traços da sua personalidade era, efectivamente, o seu espírito construtivo, optimista relativamente ao outro, seu semelhante.

A Relação ao Outro e a Deus: na sua atitude de Universitário, responsável relativamente ao que é formar, inscreve-se a sua preocupação pelo outro, tomado como pessoa, porque, como o próprio Professor muitas vezes dizia, “a pessoa está acima de tudo”, pelo que a sua acção tinha sempre em linha de conta a realidade pessoal que cada um é, no seu ser único e irrepetível.

Esta relação aos outros, já tão referida, era um traço da sua personalidade, marcada pela bondade, justiça, tolerância, “saber perdoar”, como bem frisou Joaquim Veríssimo Serrão, nessa convicção feita de *amor cordis*, de que o outro, franciscanamente, é uma mediação para Deus, ainda que Deus fosse, para Francisco da Gama Caeiro, o único Absoluto.

Saber perdoar, como traço da sua postura ética e espiritual e que encontra eco num texto de Santo António: “Quem perdoa ao que peca contra si não tem no coração o caminho do rancor e do ódio /.../ Esta é a Esmola espiritual”. Aqui inscreve-se, indubitavelmente, o amor ao próximo e o amor a Deus.

Este absoluto, que é o amor a Deus, tem, no entanto, mediações. E nesse sentido, são mediações para Deus o seu franciscanismo, vivido e pensado. Vivido como membro actuante na Ordem Terceira de São Francisco, de que fazia parte, pensado na atenção que dava aos autores franciscanos, ou mesmo à espiritualidade franciscana. Mas também é de salientar o seu estar disponível, colocando ao serviço da Igreja, das Universidades, das Academias, dos Institutos, de que se destaca o Instituto de Filosofia Luso-Brasileira, de que foi Presidente, o seu trabalho e saber.

Mas, não é menos significativo o acentuar, no quotidiano, pelo diálogo, o valor da reciprocidade e da generosidade, em que a solicitude, a amizade e o amor se revelam, não só na obra, mas também e, fundamentalmente, na vida: amizade para com os amigos, os colegas, os alunos ou discípulos, amor que nos permite dizer “o casal Gama Caeiro”, pois conhecer mais de perto o Professor ou o amigo era também conhecer a Sra. D. Madalena. Quem com o Professor conviveu sabe-o bem.

Na raiz desta sua atitude está a fidelidade, como valor que sempre norteou a sua acção, nas diferentes vertentes do seu existir e que encontra o seu fundamento na fidelidade a Deus, que se afirmou mediante a sua inabalável fé.

A Relação à Figura e ao Pensamento de Santo António: detenhamo-nos, uma vez mais, no seu pensamento, a partir da obra que nos deixou, que diz de si mesmo, pelas problemáticas que valorizou, pelos autores com quem, privilegiadamente, dialogou. E aqui não seguirei uma exposição diacrónica, mas de imediato centrar-me-ei no que considero fundamental no seu pensamento.

Marcado, inelutavelmente, pelo dado cristão, acrisolado pelo franciscanismo, o seu pensamento inscreve-se na tradição filosófica que o personalismo cristão tematiza e valoriza: respeito pela dignidade humana, preocupação pelo espiritual, sem esquecer que somos seres de corpo e alma e que esta união/tensão é inevitável, e que na união da alma e do corpo somos abertura ao outro pelo espiritual em nós, abertura também ao Transcendente, pela mediação da vida virtuosa.

Mas, na economia da sua obra emerge a sua reflexão sobre Santo António de Lisboa, trabalho até agora inexecedível, que a Imprensa Nacional-Casa da Moeda reeditou, em dois volumes, num total de 1028p. Trabalho inexecedível, porque pioneiro no pôr em evidência o travejamento filosófico dos *Sermões*, do seu mais antigo confrade português.

Que nos diz Lothar Thomas, sobre Santo António, na sua obra “Contribuição para a História da Filosofia Portuguesa”, de 1944? Apenas que estamos perante um apologeta a quem “não se pode franquear a entrada na História da Filosofia”. Na verdade, uma tal afirmação só é possível porque não existe aquilo que se não conhece. Ora, em 1944 esta atitude era possível, nenhum estudo podia infirmar esta posição.

Mas, em 1967, Francisco da Gama Caeiro apresenta como tese de doutoramento a obra “Santo António de Lisboa. Introdução ao Estudo da Obra Antoniana”. E temos, a partir deste momento, o estudo crítico que permite afirmar que o Santo faz parte da História da Filosofia Portuguesa. E esta sua reflexão, ainda hoje, permanece como uma referência incontornável para um conhecimento real do pensamento do Doutor Evangélico.

Com efeito, depois desta obra não é possível ignorar que, no início da nossa nacionalidade, António de Lisboa surge como uma figura ímpar da Igreja e da Cultura Portuguesa.

Santo António de Lisboa emerge como o projecto da sua vida, porque se analisarmos o percurso intelectual do Professor, já antes da tese de doutoramento o Santo era estudado e, depois dela, continua a reflexão, que se traduz numa multiplicidade de estudos de que destacamos “Santo António de Lisboa. A Espiritualidade Antoniana”, a sua tese de agregação.

É indubitável que Francisco da Gama Caeiro mantém esta ligação intelectual e afectiva com o Santo Franciscano de um modo constante e, se um projecto existencial é reiterado mediante projectos particulares que dão corpo à escolha fundamental, então,

temos o Professor, mais uma vez, no final da sua vida, ligado à figura do Santo, trabalhando no âmbito do VIII Centenário do Nascimento de Santo António, delineando, até ao pormenor, como seu presidente, a um ano e meio da sua realização, o “Congresso Internacional Pensamento e Testemunho” e, em seguida, as “Comemorações Antonianas”, mais amplas, de que gizou o plano e que, conforme um dia me referiu, “agora não temos só o Congresso, temos também as Comemorações Antonianas”. Afirmção feita de um modo que visava sublinhar a importância que dava a este acontecimento, como modo de honrar e venerar o Santo.

Faleceu quatro dias após ter sido assinado o Protocolo que institua as Comemorações Antonianas, projecto no qual tinha trabalhado como futuro presidente. E, como se pode verificar, pelos discursos proferidos, pelas obras que à sua memória foram dedicados e de que destaco as “Actas do Congresso Internacional Pensamento e Testemunho” sobre Santo António, as Comemorações Antonianas ficaram, indissoluvelmente, ligadas ao seu nome, à sua obra, à sua memória.

Mas, analisemos, aproximando-nos da obra do Professor, sobre o Santo, com um olhar crítico. Que encontramos? Fundamentalmente, estamos perante um trabalho profundo, paciente, metucioso e rigoroso, quer no que diz respeito ao levantamento de fontes, quer quanto à identificação das principais problemáticas filosóficas, teológicas e místicas.

Com efeito, podemos dizer que existe uma espécie de tensão dialéctica entre os *Sermões* antonianos e a obra do Professor sobre os *Sermões*, que nos diz da profundidade com que Francisco da Gama Caeiro analisa, de um modo praticamente exaustivo, o pensamento do Santo. No que me diz respeito, à medida que amadurece e se aprofunda o conhecimento que tenho do pensamento de ambos, reconheço essa simpatia, essa compreensão profunda que o Professor tinha da obra do Doutor Evangélico.

O que a sua obra revela é o investigador de “garra” (e a palavra é do Professor que muitas vezes a aplicou a autores portugueses), investigador de um pensamento que, porque constituído exclusivamente por *Sermões*, se apresenta sob a forma filosófica de intuições, afirmações de matriz filosófica, mas não imediatamente fundamentadas.

Mas, pacientemente, o Professor vai mostrando a nervura interior da obra, os conceitos de homem, de mundo, de Deus, que aí estão presentes, não de um modo avulso ou fragmentado, mas implicando uma coerência interior, que é posta a descoberto pela identificação do trajeamento filosófico, teológico e escriturístico, que Francisco da Gama Caeiro tão bem soube exhibir.

Da sua pena revela-se o Santo, a partir de uma reflexão praticamente exaustiva sobre os seus *Sermões*: pregador, teólogo, franciscano, místico, possuidor de uma sólida formação, adquirida, fundamentalmente, em Portugal, enquanto Cónego Regrante de Santo Agostinho, primeiro em São Vicente de Fora em Lisboa, em seguida no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.

Santo António, que actuou sobre o seu tempo e, que a oitocentos anos do nosso tempo, ainda é uma referência para nós, conforme nos afirma no seu último escrito sobre o Santo franciscano.

Com efeito, no Convento da Arrábida, no I Seminário sobre “O Franciscanismo em Portugal”, realizado de 22 a 24 de Abril de 1994, Francisco da Gama Caeiro apresenta uma comunicação intitulada “Santo António de Lisboa. Uma Leitura para o Nosso Tempo”, estudo também publicado nos “Dispensos” editados pela Imprensa Nacional-

-Casa da Moeda. O texto que vamos referir corresponde à sua última reflexão sobre o Santo, onde deixa, uma palavra de incitamento, tão à sua maneira, para que o estudo antoniano seja prosseguido: “Na brevidade desta apresentação a única conclusão talvez, a extrair, é a riqueza inexplorada para nós portugueses, da figura de Santo António”.

Esta a sua mensagem, que oxalá não fique por seguir e que assinala, uma vez mais, uma espécie de cumplicidade, de diálogo interior, entre si mesmo e o Santo. Cumplicidade feita de comunhão interior, de ideais comuns, com idêntico modo de interpretar a existência como lugar de itinerância, onde o bom, o belo, o justo e o verdadeiro devem inscrever-se como valores que elevam o homem e o dignificam.

Para finalizar, uma palavra sobre a “pessoa” de Francisco da Gama Caeiro: há seres que atravessam a existência e deixam de si um rasto luminoso e profundo. O Professor, como nos diz Carlos Bessa “por sua delicadeza e discrição faz parte do número daqueles cujos méritos e labor avultam sobretudo quando faltam”. E é bem verdade, porque, eu que me iniciei nos trabalhos universitários com o Professor, tinha, sem disso ter inteira consciência, até ao momento da sua falta, a meu lado uma presença tutelar. Do Professor guardo no coração a imagem do homem que, tal como Santo António refere nos Sermões viveu de acordo com o desígnio divino: “Deus, de facto, fez o homem direito e erecto, para que só tocasse com os pés a terra”. Esta frase que Francisco da Gama Caeiro escolheu para colocar na medalha comemorativa do Centenário Antoniano, cunhada pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, bem se coaduna com o que foi o seu viver.

* Conferência proferida na Universidade de Évora, por ocasião da Homenagem a Francisco da Gama Caeiro em 5 de Maio de 1997.